

Resenha

Caliban, de escravo a “herói da liberdade”

Luis Guilherme Assis Kalil¹

lgkalil@yahoo.com.br

RETAMAR, R.F. 2004. *Todo Caliban*. Buenos Aires, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 151 p.

“Existe uma cultura latino-americana?” A partir dessa questão o professor emérito da *Universidad de la Habana* Roberto Fernández Retamar inicia o primeiro artigo de sua coletânea, o famoso e polêmico *Caliban*, publicado pela primeira vez em 1971 e, no Brasil, em 1988 (com prefácio de Darcy Ribeiro, junto com outros três textos, entre eles, “Caliban revisitado” também incluído na presente edição argentina). Retamar aponta que a pergunta feita a ele por um jornalista podia ser resumida a duas palavras: “¿Existen ustedes?": “Pues poner en duda nuestra cultura es poner en duda nuestra propia existencia, nuestra realidad humana misma, y por tanto estar dispuestos a tomar partido en favor de nuestra irremediable condición colonial, ya que se sospecha que no seríamos sino eco desfigurado de lo que sucede en otra parte.” Essa outra parte seria a das metrópoles cujas “derechas nos esquilmaron” e as “supuestas izquierdas” pretenderam e pretendem nos orientar com “piadosa solicitud” (p. 19).

Neste artigo, Retamar usa como ponto de partida os personagens da peça *A tempestade* de William Shakespeare – especialmente o meio-humano Caliban, filho da feiticeira Sycorax e escravo de Próspero – para propor uma nova forma de se interpretar a condição do latino-americano. Segundo o autor, Caliban deveria ser “nuestro símbolo”. Para isso, usa como ponto central de sua análise o trecho em que o personagem afirma que “me enseñaron su lengua, y de ello obtuve/ El saber maldecir. ¡La roja plaga/ Caiga en ustedes, por esa enseñanza!” (p. 22). Para Retamar essa é a metáfora mais acertada de nossa situação cultural e de nossa realidade. Desse modo, deve-se agir como Simon Bolívar e José Martí, entre outros, que usaram o idioma ensinado para maldizer seus “professores”. A partir dessa colocação o autor inicia um

¹ Mestrando em História Cultural pela Unicamp com auxílio Fapesp.

percurso que vai desde a “Carta da Jamaica” de Bolívar até as tentativas da CIA norte-americana de interferir no governo de Fidel Castro através da revista *Mundo Nuevo* para afirmar que: “asumir nuestra condición de Caliban implica repensar nuestra historia desde el otro lado, desde el otro protagonista [que] no es Ariel, sino Próspero” (p. 37).

A negação de que Ariel seja o símbolo da América Latina remete à obra de José Enrique Rodó, que identifica Caliban com os Estados Unidos e seu utilitarismo, enquanto Ariel (“o sublime instinto de perfectibilidade”) seria o símbolo a ser seguido pela região. Apesar de discordar de Rodó, Retamar o valoriza – principalmente sua postura contrária aos EUA, afirmando que ele errou o “símbolo”, mas acertou o inimigo – e o aponta como ponto de partida para suas reflexões. Além de Rodó, o autor analisa outros autores ao longo de seu artigo, como Borges e Carlos Fuentes, entretanto, baseia seu argumento na oposição entre Sarmiento e José Martí. Apontado como seu “mestre supremo”, Martí é descrito como um autor que, décadas antes, já defendia a vitória do mestiço autóctone sobre o *criollo* exótico: “Es imposible no ver en Martí [...] su rechazo violento a la imposición de Próspero [tese que, segundo o autor, é defendida por Sarmiento] que ha de ceder ante la realidad de Caliban” (p. 43).

É interessante observar que as oposições são muito recorrentes na obra de Retamar, o que, em alguns momentos, torna suas análises muito esquemáticas: Sarmiento e Martí, direita e esquerda, Norte e Sul, primeiro e terceiro mundos, entre outras. Em todas elas o autor localiza a América Latina na segunda opção, o local de Caliban: “[...] la contradicción entre unos países y otros, entre los grandes señores y los condenados de la Tierra, entre Próspero y Caliban no sólo ha conservado sino que ha acrecentado su vigencia, y es hoy la contradicción principal de la Humanidad” (p. 128).

O restante da coletânea é formado por um pós-escrito, de 1999, onde Retamar chega a dar adeus a seu “personagem conceitual” (termo criado por Gilles Deleuze e Félix Guattari), entretanto, anos depois o retoma afirmando ser impossível abandonar Caliban, porque o personagem o escolheu. Contém ainda outros quatro artigos que desdobram questões apresentadas em *Caliban* que, segundo o autor, acabou deixando alguns “cabos soltos” devido à sua rápida escrita, em um momento de crise em Cuba. Entre elas estão explicações referentes a críticas feitas a Borges e Carlos Fuentes, onde o autor tenta moderar, mas não negar, os duros julgamentos presentes em seu artigo –

afirmando que o importante não são os nomes, mas sim as idéias, crenças e posições. Há também comparações de seus argumentos com o movimento antropofágico brasileiro, que não é citado no texto de 1971 por ainda ser desconhecido do autor. Contudo, sua questão central é reforçar que o conceito de mestiçagem que propõe, inspirado por Martí, tem mais sentido cultural do que étnico.

Em seus artigos, fica evidente que Retamar busca contrapor a “nuestra América”, já apresentada por Martí anteriormente, com o que ele denomina como Ocidente – personificado nos EUA – utilizando-se para isso não somente o recurso das oposições, como visto acima, mas também das aproximações. Com isso, o autor não vê problemas em englobar em um mesmo grupo Emiliano Zapata, Tiradentes, Aleijadinho, Inca Garcilaso de la Vega, Fidel Castro, Cândido Portinari, Frida Kahlo, Guimarães Rosa, Glauber Rocha, entre outros, como se todos fizessem parte de um combate único entre Caliban e Próspero.

O artigo de Retamar se situa em uma tradição de obras que utilizaram *A tempestade* como ponto de partida para reflexões sobre a América, como as de José Enrique Rodó, George Lamming e Richard Morse. *Todo Caliban* se insere também no grupo de “marxistas, feministas e multiculturalistas obcecados por ideologia” duramente condenados por Harold Bloom em seu livro *Shakespeare: a invenção do humano* por mostrarem Caliban como um “herói da liberdade” (para Bloom, Ariel e Próspero são personagens mais centrais). Por outro lado, sua obra foi elogiada por autores como Nadia Lie e Theo D’haen (para quem Retamar inaugurou a “*Calibanología*”), chegando a ser comparada por Fredric Jameson – prefaciador da presente coletânea – com *Orientalismo* de Edward Said: “y generó una inquietud y un fermento similares en el campo latinoamericano” (p. 13).

Por fim, percebe-se na coletânea de Retamar, para além de uma defesa da união da América Latina, a conclusão de que nem o Norte nem o Sul “podrán salvarse por separado” e, por isso, devem “acceder conjuntamente a la civilización de la humanidad [...] [com] el descubrimiento del múltiple ser humano ‘ondulante y diverso’: el ser humano total [...] habitante de la Humanidad, la única patria real (‘Patria es humanidad’, dijo Martí)” (p. 138 – 139).

Submetido em: 16/05/2007

Aceito em: 22/05/2007